



Arquitetura-diagrama e as Cartografias do Poder

ARIADNE MORAES SILVA¹
SOLANGE VALLADÃO²

Resumo

A produção de arquiteturas e de intervenções urbanas, na lógica da cidade estado-capital, é construída através de uma multiplicidade de enunciados: normas, códigos, legislações e instrumentos de regulação territorial. Esses enunciados são produzidos através de saberes formatados ao longo da história, agenciados pelos poderes legislativo, executivo e judiciário, tensionados por dois eixos distintos: os interesses empresariais e as lutas sociais, que têm na cidade seu campo de batalha.

A contração do espaço-tempo tecnológico revela também a superficialidade dimensional e espetacular da própria arquitetura. Esse contexto, entretanto, pressupõe a marcação de provocativos diagramas: de um lado, a construção de espaços onde seja possível criar um pensamento através das mais diversas alianças de saberes e subjetividades; do outro, a necessidade emergencial de multiplicar as dimensões de uma geografia apartada de modelos, de formas ou dispositivos figurativos.

O diagrama, enquanto uma máquina abstrata, conforme conceituados por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), e sendo uma exposição das relações de forças que constituem o poder (ou poderes) vai desembocar na percepção de como se organiza o poder sobre a vida: o biopoder, terminologia criada por Michel Foucault (1979) e toda uma sistemática de dispositivos disciplinares estrategicamente rebatida sobre a urbanística e suas cartografias.

Novas redes de comunicação mediadas por sistemas de informação cada vez mais comuns nas metrópoles comunicativas e imateriais, as recentes relações de dimensão e proximidade (disjunção espaço-tempo), as mídias digitais, as interfaces eletrônicas e os dispositivos virtuais, apontam para outros horizontes de expressão cartográfica.

Ao propor um deslocamento da cartografia tradicional, a arquitetura-diagrama é compreendida através de práticas atravessadas pelos territórios da micropolítica e, potencialmente, configura-se como uma máquina de guerra, portanto de resistência criativa, aos processos hegemônicos de saberes sedimentados nas produções da arquitetura e do urbanismo contemporâneo (ensino, pesquisa, projeto, prática).

Palavras chave: micropolítica; diagrama; cartografia; saber; poder.

Arquitetura-diagrama

Compreendido enquanto um território expandido atravessado por uma série de dispositivos processuais, o diagrama tem assumido uma posição relevante nos principais debates contemporâneos que articulam experiência, ação, pesquisa e teoria no campo da prática arquitetônica e urbanística. Essa articulação consolida e amplia essas disciplinas dentro do campo

1 Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura da UFBA – Doutora em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU-FAUFBA/Université Paris 8. Membro de Grupo de Pesquisa CIPOS – Cidades Políticas. E-mail: ariadnemoraes@gmail.com

2 Arquiteta urbanista, doutoranda em Arquitetura e Urbanismo – PPGU/FAUFBA. E-mail: sgvalladao@gmail.com.

multidisciplinar em que se inserem, desde o seu surgimento como objeto de estudo teórico-prático, seja este acadêmico ou oriundo de outras práticas epistemológicas, reconhecidas ou não, dentro desta chave. Paradoxalmente, embora seja um recurso ou ferramenta de simples elaboração (com desenhos feitos à mão com os mais diversos materiais ou em meios digitais, uni ou multidimensionais), o diagrama carrega, em sua potência latente, a capacidade de abarcar temas, questões e reflexões diversas, contemplando uma ampla escala de problematizações, de reflexão analítica e de elaboração conceitual. O diagrama é capaz de agenciar (afetar) pintores, arquitetos, cartógrafos, geógrafos, filósofos, escritores, sujeitos.

Os espaços arquitetônicos são, por definição, uma parte do sistema social. Cada sociedade, em seu processo histórico, apresenta os seus diagramas, suas próprias dinâmicas e toda uma rede de relações de forças situadas entre variadas escalas e níveis de negociação. O diagrama, portanto, emerge como uma ferramenta de produção de arquiteturas, de cidades, de sociedades, de discursos e de seus enunciados, podendo ser estendida às esferas artísticas, culturais, sociais, políticas e econômicas, funcionando como um motor capaz de *diagramatizar* poderes e fazeres, e de traçar planos (DELEUZE, 2005).

A partir desse jogo diagramático, surgem inúmeras possibilidades de leitura e de interpretações. O diagrama, estando inserido em uma rede complexa de relações, pode ser compreendido como meio analítico e de notação, mas, por outro lado, pode cumprir o papel de síntese e de gerador. Ao transitar entre a matéria visual formal e a formalização de articulações de funções tensivas (e não através de uma ordem hierárquica de partes constituintes), a arquitetura-diagrama se aproxima das redes urbanas, conectando-se formalmente e estruturalmente com as morfologias de um território.

Em meio a esses movimentos diagramáticos (arquivo-diagrama), a partir de divergentes modos e aproximações, surge um intenso campo ampliado e vigente de ação para a arquitetura: novos modos de trabalhar, uma variação de experimentações geométricas, algumas tentativas de ultrapassar os conceitos binários herdados do modernismo, deslocamentos do binômio forma versus função à guisa de uma matriz (ou matrizes) de informação, arranques de plataformas cada vez mais processuais - uma multiplicidade de ensaios de enquadramento que possibilitam novas composições no processo de cartografar.

Na arquitetura, a descoberta da processualidade articulada através de diagramas se transformou em uma rede aberta e de fluxos de confronto para alguns arquitetos pós-modernos e contemporâneos. Imersos em dispositivos de informação, meios digitais e comunicação quase que instantânea, a dimensão diagramática que constrói espaços em suspensão se multiplica. Não interessa apenas o espaço construído, mas o que escapa, o que informa e transforma a matéria.

Uma sobreposição de cartografias se desenha em um mundo formado por redes locais, globais e nos seus interstícios. Há uma porosidade entre forças visíveis e invisíveis, e fronteiras que extrapolam dispositivos que são capazes de aproximar e capturar dimensões em nível micro, fazendo-as perfurar outras, tornarem-se capilares. Essas zonas ainda se encontram nebulosas, afetando-se e se deixando afetar pela própria experiência da vida cotidiana (urbanidades), e que se transformam velozmente na interface de uma sociedade que tende a uma desorientação provocada pela armadilha de um regime temporal marcado pelo(s) poder(es), seus modos de repressão, opressão e supressão da vida.

Cartografias, experiências e sensação

Ao estudar as práticas cotidianas como modos de ações realizadas pelos indivíduos no processo de interação social, Michel De Certeau (1998) apresenta um potencial enunciativo e criativo desse convívio entrelaçado com o cotidiano ordinário: caminhar pelas ruas da cidade, observar os acontecimentos urbanos e compartilhar experiências. Todo esse potencial criativo e imprevisível da arte de criar dobras no cotidiano, que pode ir de encontro aos agenciamentos de vigilância ou de controle, denomina-se de antidisciplina. Trata-se de uma ação construída a partir da experiência do *flâneur*³ (errante ou deambulante) que, perambulando e acionando seus dispositivos sensoriais, ressignifica as linhas duras de uma cartografia dominante.

A necessidade de instaurar o sensível para representar graficamente os territórios já vem sendo observada desde quando surgiram as primeiras cartografias manuscritas, no século VI a.c., portanto, não se pode dizer que a ideia de analisar as paisagens através das suas “ambiências” não se aplique às imagens das cidades ao longo da história (MELLO; SILVA, 2012). Todavia, esta questão se torna mais evidente quando a proposta de análise versa sobre territórios da contemporaneidade, visto que, são espaços que sequer se limitam à materialidade, pois atravessam, inexoravelmente, o campo acionado por blocos de sensações: perceptos e afetos.

Aparências características ou híbridas dos indivíduos participam na construção das “ambiências”, definidas por Thibaud (2011, CD-ROM), como a percepção dos espaços através de uma “*ecologia sensível que [...] se situa principalmente no cruzamento de questões de natureza social, estética, urbana, ecológica e política*”. Expressas por modos, vestes, gestos, odores, costumes, as figuras

3 O errante urbano transita nas ruas e, enquanto ação prática, as explora como espaço de criação e experimentação. Tal qual um “observador ambulante”, um *flâneur*, que contempla o sublime das paisagens e circula calmamente sem rumo por entre as vielas da cidade, penetrando as tessituras urbanas a partir do olhar e do jogo de corpo do pedestre.

humanas inseridas às cartografias provocam a sensibilidade do observador e potencializam uma percepção flexível e sempre atualizável, porque guarda as dinâmicas inerentes ao conteúdo imagético.

Busca-se, então, um deslocamento da cartografia tradicional (geralmente compreendida através de um mapa de representação, bi ou multidimensional), para universos existenciais e afetivos, abrindo espaço para a exploração de territórios outros, inclusive virtuais e sensoriais, afinal, conforme Rolnik anuncia (1989), as paisagens psicossociais são cartografáveis.

Esse processo de apreender, devorar, de buscar e compor elementos das cidades realiza-se na experiência do corpo e na sua relação com a urbanidade em senso amplo. A micropolítica antropofágica é entendida *“como um processo contínuo de singularização, resultante da composição de partículas de inúmeros outros devorados e do diagrama de suas marcas respectivas na memória do corpo”* (ROLNIK, 2011: 215). A partir dessas problematizações desenvolvem-se: conceitos que podem tensionar relações, fricções entre e na extensão dos corpos; cartografias pulsantes e sensações alavancadas pela experiência da experimentação como uma linha de fuga aos processos hegemônicos, ainda aprisionados em representações dialéticas e que também se configuram como diagramas de escape.

No processo de buscar, compor e cartografar elementos da cidade que atravessam a experiência do corpo no cotidiano, é importante considerar a ideia defendida por Félix Guattari (1992, p.22), de que indivíduos e grupos sociais, veiculam *“seu próprio sistema de modelização da subjetividade”⁴*, e traçam suas próprias *“cartografias feitas de demarcações cognitivas”*, presentes nos afetos que lhes atravessam. O exercício diagramático conecta essa multiplicidade de cartografias elucidando subjetividades que se encontram, se sobrepõem e chocam no cotidiano das experiências urbanas.

Como mostra ainda processual da produção de cartografias, presente nas práticas dos espaços e dos poderes, este trabalho apresenta alguns exercícios metodológicos realizados por estudantes da Faculdade de Arquitetura da UFBA, em um trabalho de pesquisa de pós-graduação (que problematiza questões entre a gestão política e popular do patrimônio urbano) e em práticas projetuais realizadas por estudantes de graduação (em componentes curriculares obrigatórios, como Atelier de Projeto, e em atividades de extensão).

Os exercícios usam distintos processos de elaboração de cartografias, tanto pelas referências e ferramentas adotadas para sua expressão e registro textual e/ou gráfico, como nas análises críticas.

4 A subjetividade, segundo Félix Guattari (1991: 19), trata da modelização de um território existencial auto-referencial, mas feito em relação a uma alteridade subjetiva.

Estas se cruzam neste trabalho somando potencialidades e produzindo avanços na reflexão sobre os temas que suscitam dentro dos aspectos subjetivos, cotidianos e pragmáticos, normativos e subversivos, presentes dinamicamente no espaço através das tensões acionadas a cada ciclo, onde forças são convocadas a pensar e/ou agir sobre o mesmo.

Esses exercícios se articulam com a tríade conceitual do espaço elaborada por Henry Lefebvre (2012), composta por três dimensões, sendo estas expressas: pelas práticas espaciais (de produção e reprodução do espaço); pelas representações do espaço (relacionadas a ordem, conhecimento, signos, códigos); pelos espaços de representação (do simbolismo, da deriva, do *flâneur*, do errante, acionados pelos aspectos subversivos da vida social). Este trabalho situa, portanto, as cartografias aqui apresentadas em duas chaves que, de certa forma, traduzem essas noções de espaços e se apresentam como ferramentas possíveis de sua leitura e interpretação (dentro dos agenciamentos imanentes na complexa dinâmica que forma, consolida, transforma e destrói os espaços da cidade), sendo estas: práticas do espaço e poder; derivas e apreensão urbana.

Os exercícios tiveram como pano de fundo o Centro Histórico de Salvador e o bairro do Comércio, regiões da cidade historicamente atravessadas por tensões de disputa por seus processos de uso e ocupação, considerando-se os aspectos formados pelo estado-capital e por movimentos de resistência. Juntos eles ilustram nuances subjetivas, cotidianas e pragmáticas, normativas e subversivas, presentes dinamicamente no espaço através das tensões acionadas a cada ciclo, onde diversas forças são convocadas a pensar e/ou agir sobre o mesmo.

Cartografias, práticas do espaço e poder

Práticas, espaço e poder são temas que perpassam a pesquisa⁵ iniciada este ano e desenvolvida pelas autoras deste artigo, sobre a gestão de bens patrimoniais, com enfoque nos aspectos macro e micropolíticos. Esta investiga na disputa por práticas de cidade, o papel da produção e captura da subjetividade como elemento central no jogo de forças em torno do patrimônio urbano da cidade de Salvador, a partir do século XXI. O que torna a subjetividade central nesta pesquisa parte de sua definição mais ampla, como sendo: *“o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva”* (GUATTARI, 1992: 11). Já o século XXI é tomado como marco, devido à presença determinante, a partir deste

5 Pesquisa de Doutorado em andamento no PPG-AU/FAUFBA, intitulada “A produção de subjetividade como elemento central nas disputas por patrimônio urbano, a partir do final do século XX: o caso de Salvador-BA”, desenvolvida por Solange Valladão, sob a orientação das professoras Juliana Nery e Ariadne Moraes.

período, do chamado urbanismo neoliberal, dentro da estrutura do poder público da cidade e na pauta das ações deste, voltadas para o Centro Histórico.

Esse marco se caracteriza (entre outros aspectos) pelo uso do termo “planejamento estratégico” como expressão tecnopolítica fundante que representa uma nova forma de elaboração, articulação e comunicação do plano de governo do atual prefeito de Salvador⁶. Nos planos de governo desenvolvidos em seus dois mandatos (2013-2016 e 2017-2019), o governo articula o planejamento estratégico como condição para a possibilidade de realizações de sonhos, criando um discurso que opera na subjetividade, mas também no jogo político que envolve suas propostas e capitalização da produção da cidade.

A disputa por diferentes práticas de cidade deve, portanto, considerar formas de identificação e análise, descritiva e crítica dos sistemas atuantes. Neste momento inicial, as disputas se situam entre projetos políticos e econômicos, formas desviantes de ocupação e uso presentes no seu cotidiano, e também por modos privilegiados de ocupação e uso do espaço urbano e da infraestrutura urbana. As áreas urbanas centrais que concentram patrimônio histórico, sobrepõem essas diferentes disputas, além de outras delineadas pelo aspecto cultural, que é decisivo no jogo de forças para configuração e reconfiguração dessas áreas, que se apresentam como expressão do processo histórico-cultural da sociedade (enquanto estrutura sociopolítica organizada) e da vida social dos indivíduos próxima ao cotidiano.

Retomando a ideia de Guattari, a produção de subjetividade se situa como elemento para a formulação de desejos, discursos e ações, usados por diferentes grupos sociais, envolvidos nas disputas pelo patrimônio urbano em todo mundo, sendo assim um elemento central no modo como indivíduos, movimentos, instituições, entre outros agrupamentos, se organizavam segundo um princípio de “identidade”. Nela encontra-se seu patrimônio perceptivo (visão, audição, olfato, paladar, tato), material e imaterial. O primeiro, formado a partir da sua experiência de mundo e com as questões que este lhes coloca; os demais atuam produzindo desejos convocando-nos a entrar em disputa. A partir deste arranjo dinâmico, os sujeitos pensam, sentem e tomam decisões para agir sobre si, sobre seu grupo, sobre o espaço e no mundo.

Esta pesquisa considera que, para a leitura dos momentos históricos de disputa e reconfiguração do centro da cidade, além das condições políticas, sociais e econômicas que a desenhava, a produção de discursos e desejos (via produção e captura de subjetividade) foi uma ferramenta importante na consolidação e aceitação de processos segregadores, sem que estes encontrassem uma resistência

⁶ Antônio Carlos Peixoto de Magalhães Neto, hoje em seu segundo mandato consecutivo.

efetiva. Mas esta resistência existia, e se rediagramava pelo jogo de forças empreendido, à medida que a sociedade avançava sob seus marcos históricos (como a abolição da Escravatura em 1888, a proclamação da República em 1889, a instauração da Ditadura em 1964 e a redemocratização do país em 1988), instaurando novas cartografias (VALLADÃO, 2017).

A forma como os empreendimentos turísticos se apresentam capturando imaginários individuais e coletivos presentes no desejo de renovação, requalificação, desenvolvimento econômico (mais empregos, em regra) pode ser sentida em frases como: “O resgate do período áureo de Salvador”⁷, e outras expressas na imprensa e na publicidade (do setor público e privado), ganhando ressonância entre a população como algo de senso comum. Cada novo ciclo político-econômico trabalha a seu modo essa relação, renomeando, editando velhas fórmulas ou trazendo como novo o que é feito fora do país ou em cidades mais desenvolvidas, de acordo com o modelo desejado de exploração do patrimônio urbano⁸. Em geral, estes ciclos têm em comum a recriação do conceito de “decadência” quando há uma mudança de perfil social para o popular e de baixa renda; não tratando do abandono dessas áreas pelo grupo político-social que a constituiu, atraído pelos lucros dos processos de expansão urbana da cidade e de valorização social de novas áreas.

O ciclo de processos político-econômicos que se apresenta a partir do século XXI, possui uma trama móvel e dinâmica de redes sociais, onde se relacionam - direta e indiretamente - pessoas, grupos, instituições e mercado, e cuja natureza se pretende decifrar a partir da análise de suas interações em torno do patrimônio urbano.

A Análise de Redes Sociais – ARS é uma ferramenta oriunda dos métodos de investigação de campo, do trabalho de pesquisa etnográfico da Antropologia, considerada como estratégia metodológica e analítica, segundo o etnógrafo Juan Pujadas (2010: 111-112), a Análise de Redes Sociais parte de dois pressupostos que orientam sua elaboração: as instituições não cobrem todo o campo de relações sociais dentro de uma determinada estrutura social; os indivíduos conservam espaços de autonomia nas relações interpessoais que desenvolvem ao longo de sua vida. Outra característica é que a base a partir da qual se elabora a ARS, se expressa como diagrama onde são postos, ligados, associados e classificados em categorias, os elementos que compõem a Rede Social em estudo.

7 Frase extraída da página da Fera Empreendimentos, se referindo a reforma do Palace Hotel realizada pela mesma. Disponível em: <http://www.ferainvestimentos.com.br/o-que-fazemos/transormacao/>

8 Patrimônio urbano entendido aqui como um conjunto de monumentos que caracterizam uma cidade ou uma parte da cidade como área histórica; as edificações de seu entorno; o desenho urbano que as encerra e que expressam a memória viva e a história daquele espaço sendo objeto de leis específicas de preservação, e que resiste de diferentes formas aos processos de “urbanização dominante” (CHOAY, 2006: 180).

Aqui a noção de arquitetura-diagrama se multiplica em cartografia-diagrama, onde o espaço virtual das relações sociais é mapeado no que tange sua potência de máquina abstrata, expondo as forças que constituem o jogo de poderes a partir das possibilidades apresentadas pelos sujeitos sociais implicados e pelas análises realizadas. O objetivo analítico da pesquisa é descrever em que consiste, como funciona e como se articulam os indivíduos, inseridos ou não, institucionalmente, em torno de uma questão-chave (ou palavra-chave). Esta é colocada no centro da rede como disparador das ramificações que o diagrama assumirá a cada nova inserção, que a guiará para novas associações.

A análise é extraída através da configuração que o diagrama apresenta. A desenho diagramático em curso, articula ferramentas tecnopolíticas e etnográficas em uma cartografia-diagrama dos jogos de poder e de forças. Os primeiros resultados apontam para: o jogo do poder; hierarquias que se enunciam nas disputas; a mediação dos meios de comunicação dentro das disputas; o nível de engajamento aferido pelas ações ou omissões dos movimentos e sujeitos sociais; os projetos pautados pelo Estado e Município sem consulta pública, mas com veiculação na mídia.

O desenho da rede social tem como base dois momentos: a definição de um filtro de notícias usando ferramentas digitais simples como *Google Alerts*⁹ sobre uma determinada palavra-chave que expresse um elemento central ou objeto da pesquisa. Por exemplo, pode-se criar um alerta que contenha palavras-chave, como “Comércio” ou “Ladeira da Conceição da Praia”, que são áreas dentro do Centro Histórico de Salvador onde, desde o início deste século têm surgido de forma recorrente nos discursos que enunciam projetos que colocam a disputa pelo patrimônio urbano, material e imaterial; segundo no desenho da cartografia-diagrama que apresenta graficamente as relações entre os sujeitos implicados.

Para desenho do diagrama de redes sociais foi usada a ferramenta *FreeMind*, um programa gratuito, de código aberto (*open source*) para criação de mapas mentais. O diagrama pode ser distinguido entre Redes Sociais Totais (uma primeira aproximação geral) e Redes Parciais (um detalhamento de um dos “nós” da Rede Total) e, dentro dessas redes, os graus de conectividade e graus de intensidade das relações entre os sujeitos. Cada sujeito é identificado segundo atributos como: amigos, vizinhos, membros de uma instituição, colegas de trabalho, grau de parentesco (PUJADAS, 2010).

Dentro da formulação analítica a Rede por ser organizada em torno de instituições sociais (família, compadres, amigos), instituições políticas/econômicas (partidos, organizações, associações, fundações), a partir das quais são analisadas as relações de poder e hierarquia. Na pesquisa são

⁹ Google Alerts é um serviço do Google que retorna resultados de uma pesquisa à caixa de emails do usuário, sempre que for encontrada nova citação de um termo pré-determinado. Fonte: Wikipedia. Google Alerts, https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Google_Alerts&oldid=41637837.

analisados também os discursos enunciados pelos sujeitos que se apresentam para compor a cartografia-diagrama a partir da coleção de notícias.

A partir da montagem processual de um diagrama em torno de notícias sobre as intervenções mais recentes propostas para o Centro Histórico da cidade, já pôde ser identificado um jogo de poder caracterizado, a priori, por quatro momentos: primeiro a sondagem (notícias na mídia de um determinado projeto); segundo a reação (de setores da sociedade, ligados ao tema do projeto); terceiro a discussão (debate indireto onde a mídia aparece como mediadora); e quarto a realização de encontros fechados com alguns atores institucionais para discussão do projeto em questão, forjando um debate simbólico através da mídia sem acionar a comunidade local das áreas afetadas. No decorrer desse jogo foi possível analisar: as hierarquias de poderes interinstitucionais; a atuação das mídias como disparador e mediador de um debate forjado; o papel da mídia na aferição de adesão e/ou rejeição aos projetos pautados pelo estado-capital.

O momento seguinte - que se aguarda - seria o de debate com a sociedade dos projetos de interesse público que estão sendo propostos. Desde modo, a cartografia-diagrama em processo, não encerra e nem remete a um conteúdo específico e fechado. Sua expressão dá lugar a outras formulações de uma ideia, uma política, uma disputa, uma articulação ou uma realidade por vir.

Cartografias, derivas e apreensão urbana

Derivas e apreensões urbanas são o mote do outro exercício diagramático que propõe uma metodologia leitura e percepção do espaço, através de uma experiência cartográfica baseada em derivas, aproximações sensoriais e leituras imagéticas. Como no exercício anterior, o objeto de estudo está localizado em uma área adjacente ao Centro Antigo, na cidade baixa de Salvador. As cartografias são produzidas no Comércio, um bairro que fica na região contígua a Área de Proteção Rigorosa (APR, Lei Municipal Nº 3.298/1983) do centro histórico da cidade. Este exercício realizado por estudantes de arquitetura em atividade curricular, teve como objetivo produzir uma investigação morfológica da paisagem (social, material e cultural), compreender suas formas de ocupação e seus processos de implantação, evidenciando as relações de territorialidade e de usos cotidianos daquele contexto.

A partir de três escalas de aproximação iniciais: movimento & topologia (propriedades das figuras geométricas que configuram os objetos), visual e antropológica, foi possível sistematizar um certo

mapeamento das derivas¹⁰ e elaborar narrativas cartográficas para cada percurso, criando uma síntese das principais características encontradas ao longo desses itinerários. Segundo as estudantes que desenvolveram essa atividade, a cartografia *“possibilitou o reconhecimento dos usos e ocupações dos edifícios e terrenos; mapeamento das condições físicas das edificações; a verificação das diferentes dinâmicas habitacionais existentes; a relação pretendida entre as moradias e a rua”* (ARAÚJO, A.; PARDO, M.; NOGUEIRA, M., 2017: 6-7).

Este exercício procurou fomentar premissas para a apreensão coletiva e dialógica de um programa arquitetônico para elaboração de um estudo projetual que escapasse aos agenciamentos normativos de relação entre os espaços usualmente definidos para uso habitacional, como também a relação deste com seu entorno¹¹. A atividade provocou, em um primeiro momento, a concepção do fazer/saber acadêmico com o fazer/saber popular, a partir do entendimento da emergência de novos paradigmas estéticos, funcionais e programáticos que considerasse cada singularidade dos núcleos familiares, os sujeitos que o integram, formas contemporâneas de apropriação da cidade e, sobretudo, as relações de alteridade que estes moradores/transeuntes estabelecem com o bairro. No segundo momento, a problematização surgiria a partir da apreensão crítica que os estudantes fizeram a partir da pesquisa, estudo e discussão das diferentes formas de habitar e modos de viver, compreendendo a cidade como lugar dos diversos tecidos sociais e culturais.

O primeiro resultado foi a construção de interações participativas junto a agentes sociais ligados a movimentos de trabalhadores sem teto, população em situação de rua, comerciantes ambulantes e grupos organizados que vivenciam os espaços públicos desse território. A aproximação com os usuários se estabeleceu a partir de algumas táticas: a) vivência cotidiana do bairro em seus aspectos subjetivos (afetivos e sensoriais); b) percepção de fabulações, a partir do recurso oriundo do trabalho de campo da Etnografia que é a *“Observação Participante”* (PUJADAS, 2010); c) construção de narrativas por meio de mediadores e lideranças locais (movimentos sociais de luta pela moradia).

Essa construção coletiva se desenvolve sem um modelo formal e hierárquico, mas de maneira rizomática e fragmentária, em um processo onde *“o espaço movimento é diretamente ligado aos seus autores (sujeitos da ação), que são tanto aqueles que percorrem esses espaços quanto aqueles*

10 Os Situacionistas e alguns grupos de artistas errantes brasileiros, a exemplo de Flávio de Carvalho e Hélio Oiticica, utilizaram as práticas da deriva e da psicogeografia como dispositivos de apreensão efêmera do espaço urbano, ativando o corpo como principal ferramenta de suporte nessa investigação.

11 Aproximação sensorial e imagética com o bairro onde o projeto arquitetônico e urbano de habitação é realizado, evidenciando as relações de territorialidade, tipologias e infraestrutura urbana.

que os constroem e os transformam continuamente” (JACQUES, 2003: 149). Essas exemplificações apontam para outras possibilidades de pensar a ação de projeto sobre as cidades fora de padrões dogmáticos, totalizantes e homogeneizantes.

Embora o objetivo desta experiência não seja um trabalho etnográfico e sim um estudo projetual para o *“desenvolvimento de uma proposta mais sensível à demanda local”* (ARAÚJO, A.; PARDO, M.; NOGUEIRA, M., 2017), esses agentes foram de fundamental importância para a realização do exercício cartográfico e projetual e, com esse intuito, orientaram boa parte do processo. Conforme relatado pelas estudantes:

A metodologia utilizada na disciplina fomentou discussões, experiências e reflexões críticas, realizando também estudos em campo, e trazendo para o espaço da sala de aula, os agentes e movimentos sociais que atuam na cidade. A quebra de padrões e a inserção da prática da liberdade no ensino são ferramentas fundamentais na superação das lógicas mecanizadas e mercantilizadas de projetar, que ainda são disseminadas e reproduzidas em alguns espaços na academia. (ARAÚJO, A.; PARDO, M.; NOGUEIRA, M., 2017: 2)

O uso habitacional, aliado ao caráter paisagístico e ambiental de territórios localizados em áreas centrais, deve ser cuidadosamente estudado nos planos e intervenções arquitetônicas e urbanísticas. O bairro do Comércio por seu enorme potencial de projeto, necessita ser pensado a partir de outras lógicas mais inclusivas, que levem em consideração as populações locais, suas dinâmicas, seus fluxos e a sustentabilidade social do seu sítio material e imaterial.

A degradação dos imóveis invisibilizam e segregam os moradores de um lado e, do outro, o mercado imobiliário associado aos poderes públicos, investe em projetos de remoção. Estas áreas, mesmo vulneráveis, ainda não encontraram formas de dialogar com os princípios da Ecosofia¹² – articulação ético-política entre os três registros ecológicos (meio ambiente, relações sociais e a subjetividade humana) e, assim, garantir a sua sobrevivência.

A produção de cartografias sociais, como no exercício aqui apresentado, é um instrumento importante de aproximação metodológica para a tradução de políticas públicas e elaboração de planos urbanos, na interface do jogo de forças diagramático. A alma do lugar, como nos ensina a arquiteta Lina Bo Bardi, é determinada pelas ações, pelas pessoas que circulam e habitam, pelas territorialidades, pela diversidade, pela multiplicidade de expressões estéticas-éticas-políticas e, fundamentalmente, pela heterogeneidade.

¹² Como resposta à crise ecológica, Félix Guattari suscitou uma revisão dos modos de viver no planeta, condizentes ao contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico, para que se operasse “uma autêntica revolução política, social e cultural, reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais”.

Criando campo de passagens transitórias

Frente ao dilema sobre como projetar na cidade, o arquiteto e urbanista contemporâneo deve despir-se de métodos engessados, e construir suas ferramentas de apreensão da realidade estudada, caso a caso. As cartografias apresentadas neste artigo desenvolvem-se a partir de dois eixos: a) práticas & espaço-poder; b) experiências & sensações.

Em tempos de leituras velozes e imagens impactantes, a produção de cidades, de territórios e de arquiteturas diagramatizadas tendem à homogeneização. No processo de modernização das cidades, o desdobramento da cultura se faz no próprio capitalismo cognitivo, informacional e, principalmente, em seus eixos econômicos e mercantilistas. Há uma voracidade por produção de criatividades que se encontra entranhada na própria voracidade do capital. E sobre esse aspecto é preciso politizar as análises e percepções, se não essas são capturadas.

As ações dominantes são apoiadas pela técnica (engenharias, arquiteturas ou artes cooptadas), através de um pensamento instrumental e operacional hegemônico, onde os poderes invisíveis buscam formas de visibilidades. Isso, inclusive, se estende à vários campos e áreas de saberes.

A potência da cartografia da ação (RIBEIRO, 2013) vislumbra uma possibilidade de construir relações e experiências que busquem valorizar as práticas de produção de arquitetura e urbanismo capazes de traduzir os desejos e afetos de um tecido social vibrante.

Habitamos um lar, habitamos uma rua, habitamos um bairro, habitamos uma cidade. O que significa, então, cada um desses termos? Em que sentido os processos urbanos contemporâneos em todas as suas facetas modificam esses significados, constroem e desfazem esses territórios já tão agenciados?

Tendo em vista a atual expansão desenfreada da cidade de Salvador segundo uma lógica de produção em massa e estratégica por interesses de mercado, nos perguntamos: em que tem se transformado a rua e o bairro nessas localidades? Onde reside a urbanidade nesse processo? Como lidar com a produção expressiva de espaços segregados? Como o poder público e o capital privado se colocam e criam estratégias dentro da lógica do planejamento corporativo, diante do expressivo número de imóveis vazios no centro de Salvador? Como agir criticamente ante esses processos de apropriação público-privada dos espaços centrais e de sua infraestrutura urbana pública, privatizando-a e disponibilizando-a em produtos imobiliários e comerciais apenas acessíveis para um nível de renda que exclui, não apenas os moradores locais de baixa renda, como também a uma grande parte da população da cidade?

O Centro Histórico de Salvador foi elegido nos exercícios cartográficos aqui apresentados como um laboratório para a investigação dessas questões de fundo e que potencializa o surgimento de outras

expressividades, possibilitando um aprofundamento crítico a partir de novos olhares e saberes. Talvez porque ali coexistam temporalidades distintas, desde as diferentes características morfológicas do bairro, a memória urbana, a coexistência de usos e tipologias, a diversidade de estratos socioeconômicos, os processos de resistência (mesmo micro), as ações do mercado, os agenciamentos espetaculares do planejamento estratégico e um intensivo diagrama de forças a pulsar.

Esses suportes articuladores enquanto procedimentos metodológicos abrem possibilidades para maiores experimentações arquitetônicas, cartográficas e urbanísticas. Porém, mais do que soluções formais, a intenção é criar algumas ferramentas táticas capazes de obstruir às artimanhas estratégicas, levando em consideração um diagrama de forças inerente à produção coletiva e de subjetividades, com intuito de tencionar o direito à cidade em busca de condições dignas de urbanidade e habitabilidade.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, A.; PARDO, M.; NOGUEIRA, M. (2017). **Proposição projetual de moradia social na área central de Salvador**. San Juan/Argentina. Anais do XXXVI Encontro e XXI Congresso ARQUISUR.
- BRASIL (2012). **Estatuto da cidade: Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001 e legislação correlata**. Brasília-DF/Brasil: Edições Câmara. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br>
- CHOAY, F. (2006). **A alegoria do patrimônio**. São Paulo-SP/Brasil: UNESP.
- DE CERTEAU, M. (1998). **A invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis-RJ/Brasil: Vozes.
- DELEUZE, G. (2005). **Foucault**. São Paulo-SP/Brasil: Brasiliense.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. (1997) **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo-SP/Brasil: Ed. 34, Volume 5.
- FOUCAULT, M. (1979). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro-RJ/Brasil: Graal.
- GUATTARI, F. (1992). **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo-SP/Brasil: Editora 34.
- JACQUES, P. B. (2003). **Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro-RJ/Brasil: Casa da Palavra.
- LEFEBVRE, H. (2013). **La producción del espacio**. Madrid-España: Capitán Swing Libros.
- MELLO, M. M; SILVA, A. M (2012). **Territórios outros: notas para uma cartografia contemporânea - Moda e Antropofagia**. In: 8 Colóquio de Moda - 5a. Edição Internacional. Rio de Janeiro-RJ/Brasil: SENAI - SETIQT, v1.
- Prefeitura Municipal de Salvador (2013). **Salvador, construindo um novo futuro. 2013-2016**. Salvador-BA/Brasil. Disponível em: http://www.planejamentoestrategico.salvador.ba.gov.br/imagens/Planejamento_Completo.pdf

Prefeitura Municipal de Salvador (2017). *Salvador, uma nova cidade para um novo tempo*. Salvador-BA/Brasil. Disponível em: http://www.salvador.ba.gov.br/images/PDF/arquivo_planejamento.pdf

PUJADAS, J. (2010). **Etnografia**. Barcelona, Espanha: Editorial UOC.

RIBEIRO, A. C. T. (2013) **Território da sociedade: por uma cartografia da ação**. Palestra. Rio de Janeiro-RJ/Brasil: UERJ. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FkgJfmb2VUU>

ROLNIK, S. (1989). **Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo**. In: Núcleo de Subjetividade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). São Paulo-SP/Brasil. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>

ROLNIK, S. (2011). **Políticas da hibridação: evitando falsos problemas**. In: MESQUITA, C; PRECIOSA, R. *Moda em ziguezague: interfaces e expansões*. São Paulo – SP/Brasil: Estação das Letras e Cores.

SILVA, A. M. (2015). **O conceito de diagrama na interface da arquitetura: a emergência da abordagem diagramática na produção contemporânea**. Salvador-BA/Brasil: PPGAU-FAUFBA. Tese de Doutorado.

THIBAUD, J-P. (2011, CD-ROM). **O vir-a-ser ambiente do mundo urbano**. In: Anais do Segundo Seminário Internacional URBICENTROS – Morte e Vida dos Centros Urbanos. Maceió-AL/Brasil: Universidade Federal de Alagoas.

VALLADÃO, S. (2017). **Portal de Santa Luzia. Uma alegoria para a relação entre segregação social e as formas de fazer cidade e urbanismo no Centro Histórico de Salvador**. Salvador-BA/Brasil: PPGAU-FAUFBA. Dissertação mestrado.